





As diversas acepções de *Accent*: Rousseau e *Les Dictionnaires d'autrefois*

Les diverses acceptions d'Accent: Rousseau et les Dictionnaires d'autre fois

Nilton Marlon Antônio ¹

Resumo: Ao longo do *Ensaio sobre a origem das línguas* é possível detectar uma série de importantes conceitos utilizados por Jean-Jacques Rousseau no desenvolvimento de sua tese central. Entretanto, podemos identificar que o conceito de *acento* possui uma importância específica no interior dessa obra, um pouco peculiar aos outros conceitos trabalhados. As diferentes acepções atribuídas a esse conceito nos revelam o cuidado especial que devemos ter ao trabalharmos com ele. Seja por interesse interpretativo ou com o intuito de traduzir tal conceito, precisamos observar certos aspectos que a palavra *acento* toma o interior dessa obra. Dito isso, o presente artigo se propõe a identificar determinadas atribuições concedidas ao conceito de *acento* dentro da obra de Rousseau e as comparar com as acepções desenvolvidas por importantes dicionários franceses que antecederam a composição das obras de Rousseau. Temos o objetivo de refletir sobre as diferentes significações que um conceito pode tomar ao longo de uma obra — também ao longo dos anos — e como essas diferenças, acarretando diferentes traduções, pode trazer complicações interpretativas.

Palavras-chave: Rousseau; Linguagem; Música; Acento; Tradução.

Résumé: Au long de l'*Essai sur l'origine des langues*, il est possible de détecter une série d'importants concepts utilisés par Jean-Jacques Rousseau pour développer sa thèse centrale. Cependant, on peut identifier que le concept d'*accent* possède une importance spécifique au intérieur de cette oeuvre, un peu particulier aux autres concepts travaillés. Les différentes acceptions attribuées à ce concept nous révèlent le soin spécial qu'on doit prendre lorsqu'on travaille avec lui. Que ce soit par intérêt d'interprétation, que ce soit avec l'intention de traduire tel concept, il faut observer certains aspects que le mot *accent* prend à l'intérieur de cette oeuvre. Cela dit, le présent article se propose à identifier déterminées attributions concédées au concept d'*accent* dans l'oeuvre de Rousseau et à établir un rapport avec les acceptions développées par importants dictionnaires français que On a l'objectif de réfléchir sur les différentes significations qu'un concept pour prendre au long d'une oeuvre — aussi au long des années — et comment ces différences, entraînent différentes traductions, peut apporter complications d'interprétations.

Mots-clé: Rousseau; Langage; Musique; Accent; Traduction.

¹ Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná. E-mail: niltonmarlon_at@hotmail.com.

Accent: Rousseau e Les Dictionnaires d'autrefois

Ao longo do *Ensaio sobre a origem das línguas*, Jean-Jacques Rousseau trabalha com uma série de conceitos relevantes para o desenvolvimento da tese central de seu escrito. *Melodia, harmonia, imitação e força* são alguns dos conceitos que aparecem sempre dentro do debate sobre a origem das línguas. Entretanto, ao longo da leitura do *Ensaio*, percebemos que o conceito de *acento* se apresenta como um dos conceitos centrais da obra, principalmente no momento em que Rousseau desenvolve sua reflexão sobre a relação entre linguagem e música. O *acento* parece ser uma peça chave para entendermos essa relação desenvolvida pelo autor. “É justamente a ideia de *acento* o princípio sobre o qual o filósofo genebrino estabelece a origem tanto da música quando das línguas, pois, no início estas duas coisas eram, na verdade, uma só” (ARCO JÚNIOR, 2012, p. 71).

Como tudo, na verdade, era uma coisa só, “não haveria distinção entre música, poesia e discurso, uma vez que eles todos seriam derivados das paixões que proporcionam as variações das inflexões da voz e do acento” (2012, p. 72). Apesar disso, mesmo se apresentando como um conceito central, em nenhum momento do *Ensaio* Rousseau nos dá uma definição precisa do conceito de Acento. Como afirma André Wyss, pode-se “inventariá-lo ao longo do *Ensaio*: nunca definido nesta obra, empregado nos contextos os mais variados, o ‘acento’ não

se deixa reduzir a uma acepção simples” (WYSS apud. ARCO JÚNIOR, p. 72).

Entretanto, mesmo aceitando que o conceito de Acento não se deixa reduzir a uma acepção simples no interior do *Ensaio*, podemos ainda buscar em outros lugares uma definição que nos permita obter uma melhor compreensão de tudo que cerca esse conceito ao longo do *Ensaio* e de como podemos traduzi-lo nos diferentes momentos e nas diferentes formas em que ele aparece. Para obtermos uma acepção mais precisa do como definir o conceito Acento no interior dessa obra de Rousseau, recorreremos ao auxílio do *Dicionário de música* do filósofo genebrino. Porém, antes de explorarmos as acepções desenvolvidas pelo próprio autor, gostaríamos de evidenciar as acepções de Acento apresentadas nos chamados *Dictionnaires d'autrefois*, a saber, os antigos dicionários da língua francesa, com o intuito de compararmos os diferentes usos estabelecidos para essa palavra com os usos empregados pelo filósofo de Genebra.

Em 1606, o dicionário *Thersor de la langue francoyse tant ancienne que moderne* apresenta Acento como sendo “a elevação, rebaixamento ou contorno da voz na pronuncia de alguma dicção, [...] consequentemente significa as virgulas e marcas colocada nas palavras indicando os lugares onde é necessário aumentar, abaixar ou contornar a voz” (NICOT, 1606, n.p., tradução nossa)². Essas modificações na voz, a elevação, o rebaixamento ou o contorno dela podem ser consequências de qualquer tipo de marcação gramatical

² “l' elevation, ou rabbaissement, ou contour de la voix en prononçant quelque diction, [...] consequemment signifie les virgules et marques apposées aux mots indicans les endroits d' iceux où il faut hausser, ou rabbaïsser, ou contourner la voix” (grifo nosso).

que gera alguma inflexão ou variação na pronúncia, podendo ser acento agudo, grave, circunflexo, contornado ou pontuações gramaticais no geral. Essa definição dada pelo *Thersor* de 1606 se limita à definição gramatical da palavra Acento, mesmo o apresentando como “elevação, rebaixamento ou contorno da voz na pronúncia de alguma dicção”, esse dicionário estabelece uma consequência direta entre as inflexões da voz e as marcações gramaticais.

O *Dictionnaire de l'Académie française* de 1694 define *accento*, de maneira genérica, como sendo uma “inflexão da voz, uma maneira de pronunciar” (1694, n.p. tradução nossa)³. Além disso, o Dicionário da Academia destaca que “não há mau acento” e que “conhecemos pelo acento de qual província ele [a pessoa] é” (1694, n.p., tradução nossa)⁴. Agora, em um sentido mais preciso, esse dicionário indica mais duas significações que é válido evidenciar aqui. A primeira diz que Acento “se liga, algumas vezes, por um certo tom que marca a intenção da pessoa e que dá as suas palavras um sentido diferente daquele que elas possuem naturalmente” (1694, n.p., tradução nossa)⁵. Enquanto que a segunda definição apresenta uma acepção que nos parece ser a mais usual entre as definições obtidas em dicionários,

a saber, define Acento como sendo o acento ortográfico, dando exemplos de sua utilização. Cito:

Acento significa também uma pequena marca que se coloca sobre uma sílaba para marcar uma pronúncia diferente ou uma diferença natural de uma palavra. [...] Colocamos um acento agudo sobre um *é* fechado, por exemplo, sobre *beauté, donné*. Colocamos um acento grave sobre *là*, adverbio de lugar, para distinguir de *la* pronome feminino. Colocamos um acento circunflexo sobre as palavras que tiveram uma letra suprimida, como sobre a palavra *âge* que outrora se escrevia *aage* (1694, n.p., tradução nossa)⁶.

Podemos observar que as definições de *accento* colocadas pelo *Dictionnaire de l'Académie française* de 1684 são muito mais ricas que as definições que encontramos no *Thersor* de 1604. Ao longo de 1600, comparando as definições dadas por esses dois dicionários, a palavra Acento parece obter uma quantidade maior de acepções⁷, tornando a sua utilização muito mais rica e variável. *Accent* ainda continua significando as marcas gramaticais que apontam uma mudança na nossa maneira de falar, porém a sua significação se estende para os diferentes modos de pronúncia de cada região, o que chamamos hoje de sotaque, e também para a forma como pronunciamos um sentença, demonstrando, por meio de uma maneira peculiar de pronúncia-la, a

³ “Inflexion de la voix, manière de prononcer”.

⁴ “Il n' a point de mauvais accent. on connoist à son accent de quelle Province il est”.

⁵ “Il se prend aussi quelquefois pour Un certain ton qui marque l' intention de la personne, & qui donne à ses paroles un sens different de celui qu' elles ont naturellement”.

⁶ “Accent signifie aussi, Une petite marque qui se met sur une syllabe pour marquer la différente prononciation ou la différente nature d' un mot. [...] On met un accent aigu sur un *é* fermé, par exemple, sur *beauté, donné*. On met un accent grave, sur *là*, adverbio de lieu; pour le distinguer de *la*, pronom féminin. On met un accent circunflexe sur les mots dont a retranché une lettre, comme sur le mot *âge* qui s' écrivoit autrefois *aage*”. (grifo nosso).

⁷ É muito improvável que a palavra em questão tenha obtido diversas outras acepções com o passar de um século. Entretanto, é fato que diferentes acepções que a palavra *accento* tinha ou obtivera com o passar do tempo pouco a pouco foram se tornando mais usuais dentro e fora da corte francesa ao ponto de serem adicionadas nas definições estabelecidas pelo dicionário da academia.

nossa intenção. O tom irônico, triste ou colérico de nossa voz pode marcar a nossa intenção, tal alteração no nosso tom de voz pode ser definida, aqui, como uma forma de *acento*.

Dentre os 35 volumes lançados pela *Encyclopédie* de Diderot e D'Alembert entre 1751 e 1772, um dos artigos que lá encontramos é dedicado à palavra *acento*. Nela Du Marsais desenvolve as acepções da palavra *acento* de uma maneira bem mais longa e descritiva do que encontramos nos dicionários que exploramos anteriormente. No começo do artigo o autor explicita como cada “nação, cada povo, cada província, mesmo cada cidade, diferem uma das outras pela linguagem, não somente porque nos servimos de palavras diferentes, mas também pela maneira de articular e de pronunciar as palavras” (DU MARS AIS, 1751, p. 63, tradução nossa)⁸. Continua Du Marsais: essa “maneira diferente de articular as palavras é chamada *acento*. Nesse sentido, as palavras escritas não têm acentos, pois acento, ou articulação modificada, afeta somente a orelha” (1751, p. 63, tradução nossa)⁹. Por meio dessas passagens podemos observar como Du Marsais estipula uma relação intrínseca entre *acento* e audição, afirmado que não há *acento* que não fale aos ouvidos¹⁰. Sendo assim, dentro dessa concepção, Du Marsais retira do *acento* uma de suas acepções

mais comum, a saber, o acento ortográfico. É importante evidenciarmos que características atribuídas por Du Marsais ao *acento*, no que diz respeito às inflexões da fala, é essencial para compreendermos, agora, a perspectiva de Rousseau. Observemos como o filósofo genebrino desenvolve essa questão.

Em um primeiro momento, em seu *Dicionário de música*, Rousseau define *acento*, segundo a acepção mais geral, como “toda modificação de voz falada na duração ou no tom das sílabas e das palavras com as quais o discurso é composto; o que mostra uma relação muito precisa entre os dois usos dos *Acentos* e as duas partes da melodia, quais sejam, o Ritmo e a Entonação” (2012, p. 55). Sabe-se, então, que o *acento* é o responsável por produzir a modificação da voz nas línguas e, conseqüentemente, no canto. É correto afirmar que é o próprio *acento* quem doa o aspecto de canto às línguas originárias do *Ensaio*. Sendo assim, o *acento* é o responsável pela não distinção entre fala e canto nessas primeiras línguas. É válido lembrar que nessas primeiras línguas as “articulações são poucas, os sons são inúmeros e os acentos, que os distinguem, podem do mesmo modo multiplicar-se” (ROUSSEAU, 1978, p. 165). A grande multiplicação de *acentos* nessas línguas torna-as canto, não havendo possibilidade de falar sem que se esteja cantando.

⁸ “Chaque nation, chaque peuple, chaque province, chaque ville même, differe d'un autre dans le langage, non-seulement parce qu'on se sert de mots différens, mais encore par la maniere d'articuler & de prononcer les mots”.

⁹ “Cette maniere différente, dans l'articulation des mots, est appellée *accent*. En ce sens les mots écrits n'ont point d'accens; car l'accent, ou l'articulation modifiée, ne peut affecter que l'oreille”.

¹⁰ É importante ressaltar que o artigo da *Encyclopédie* escrito por Du Marsais explora também as outras acepções de *acento*, o gramatical, a aspiração, os intervalos colocados no fim de uma proposição antes de começar outra e as variações do tom patético (ironia, interrogação, cólera) (DU MARS AIS, 1751, p. 63), essa última muito parecida — para não dizer idêntica — à concepção de *acento patético* ou *oratório* de Rousseau. Entretanto, aqui, daremos enfoque às acepções que nos parece mais interessantes ao debate.

Rousseau continua: “*Accentus*, diz o gramático Sergius, no Donat, *quasi ad cantus*. Há tantos Acentos diferentes quanto há maneiras de modificar assim a voz; e há tanto gêneros de *Acentos* quanto há causas gerais destas modificações” (2012, p. 55).

Como colocado por Rousseau, observamos a descrição da acepção mais geral do conceito de *Acento*, essa acepção pode nos ajudar a entender o seu emprego dentro do *Ensaio*. Entretanto, precisamos ter em mente que tal conceito é empregado, como afirmou André Wyss, nos contextos mais variados e, por isso, não é possível reduzi-lo unicamente à uma acepção geral. Logo, para compreendermos como esse conceito é utilizado dentro do *Ensaio* precisamos identificar, também, as diferentes acepções que Rousseau emprega ao usá-lo.

É interessante observamos que, na explicação que se segue em seu *Dicionário de música*, obtemos uma descrição mais precisa que parece resumir bem os usos que o autor emprega ao conceito de *acento* ao longo do *Ensaio*. Segundo Rousseau:

Distinguem-se três destes gêneros no simples discurso, a saber, o *Acento* gramatical que contém a regra dos *Acentos* propriamente ditos, pelos quais o Som das sílabas é grave ou agudo, e aquela da quantidade, por meio da qual cada sílaba é breve ou longa: o *Acento* lógico ou racional, que erroneamente muitos confundem com

o precedente. Esta segunda espécie de *Acento*, indicando a relação, a conexão mais ou menos grande que as proposições e as ideias têm entre si, distingue-se em parte pela pontuação. Enfim, o *Acento* patético ou oratório que, por diversas inflexões de voz, por um tom mais ou menos elevado, por um falar mais vivo ou mais lendo, exprime os sentimentos por meio dos quais aquele que fala é agitado e os comunica àqueles que o escutam (2012, p. 55-56).

Faz-se importante nos atentarmos de maneira a não confundir os diferentes empregos do conceito de *acento* utilizado por Rousseau. Nessa passagem apresentada pelo autor, nota-se uma grande diferença entre os dois primeiros sentidos de *acento* para com o terceiro sentido. É preciso compreender que o *acento* gramatical é identificado, nas línguas modernas, pela acentuação, pelo que chamamos de acentos gramaticais, enquanto que o *acento* lógico ou racional é caracterizado, aqui, pela pontuação. Compreendemos, então, que essas duas acepções estão ligadas ao movimento de surgimento da escrita, movimento esse que, para Rousseau, acaba por retirar das línguas o seu *acento* natural, neste caso, o *acento* patético ou oratório. Nesse movimento, desaparecem as inflexões “e as qualidades que se igualam são substituídas por combinações gramaticais e por novas articulações” (ROUSSEAU, 1978, p. 166). A *acentuação*¹¹ substitui o

¹¹ O *acento* gramatical e o *acento* racional. Talvez não seja de todo correto igualarmos a noção de *acento* gramatical à de *acento* racional, porém fazemos isso aqui em oposição ao *acento* oratório, este que se difere muito dos dois primeiros. Os *acentos* gramatical e racional estão ligados ao movimento da escrita e por isso gostaríamos de destacar a grande diferença existente entre esses dois primeiro, o *acento* gramatical e o racional, para com o terceiro, o *acento* patético ou oratório, esse sim ligado diretamente à arte de falar. Nesse sentido, é válido destacar uma passagem do *Ensaio* que nos ajuda compreender a diferença a arte da fala e aquela da escrita, fazendo-nos, assim, assimilar com mais precisão as diferenças existentes entre as acepções de *acento* listadas por Rousseau. Cito: a “escrita, que parece dever fixar a língua, é justamente o que a altera; não lhe muda as palavras, mas o gênio; substitui a expressão pela exatidão. Quando se fala, transmitem-se

*acento*¹² quando o mesmo já não é compreendido pelos seus falantes¹³ e, por consequência, a língua perde sua sonoridade se tornando mais fria, porém mais exata. Segundo Rousseau, enganamos “quando julgamos substituir o acento pela acentuação. Só se inventa a acentuação quando o acento já se perdeu” (ROUSSEAU, 1978, p. 171)¹⁴. A *acentuação* não substitui o verdadeiro *acento* da fala, ela só o faz quando o *acento* próprio da língua não existe mais. A *acentuação* presentes em nas nossas línguas modernas não passa de “vogais ou de sinais de quantidade”, não assinala “nenhuma variedade de sons” (ROUSSEAU, 1978, p. 171). Como evidenciado pelo autor, a prova disso se encontra no fato de que “todos esses acentos [acentuação] se revelam ou por tempos desiguais ou por modificações dos lábios, da língua, do palato, que determinam a diversidade das vozes; nenhuma pelas modificações da

glote, que é o que determina a diversidade dos sons” (1978, p. 171).

Rousseau consegue demonstrar, por meios de exemplos usuais na língua francesa, como a *acentuação* só serve, de fato, para melhorar a clareza da língua escrita e não tem utilidade nenhuma para a língua falada. Por vezes, a *acentuação* acrescenta

um acento ortográfico que em nada influencia a voz, o som ou a quantidade, mas que às vezes indica uma letra suprimida, como o circunflexo, e, outras vezes, fixa o sentido equívoco de um monossílabo¹⁵, como o pretense acento grave que distingue *où* advérbio de lugar de *ou* partícula disjuntiva e *à* usado como artigo de *a*¹⁶ como verbo. Acento que distingue esses monossílabos somente à vista, não determinando nenhum e efeito na pronúncia. Assim, a definição de acento [acentuação] adotada geralmente pelos franceses não convém a quaisquer dos acentos da sua língua (ROUSSEAU, 1978, p. 172, Grifos nossos).

os sentimentos, e quando se escreve, as ideias. Ao escrever, é-se obrigado a tomar todas as palavras em sua aceção comum, porém aquele que fala varia suas aceções pelos tons, determina-as como lhe apraz” (ROUSSEAU, 1978 p. 170).

¹² *Acento* oratório ou *acento* patético.

¹³ Rousseau (1978, p. 173): “Os antigos hebreus não possuíam quaisquer pontos ou acentos [gramaticais], nem mesmo vogais. Quando as outras nações se resolveram a falar hebreu e os judeus falaram outras línguas, a sua perdeu o seu acento; tornaram-se necessários ponto e sinais para regulamentá-las e isso antes restabeleceu o sentido das palavras do que a pronúncia da língua. Os judeus de hoje, falando hebreu, não mais seriam compreendidos por seus antepassados”

¹⁴ É interessante destacamos como essa passagem se encontra no original em francês: Si l'on croit suppléer à l'accent par les accents, on se trompe; on n'invente les accents que quand l'accent est déjà perdu” (ROUSSEAU, 1830, p. 344). Podemos observar que a escolha de diferenciar *acento* de *acentuação* se dá apenas pelo uso do plural em francês, *accent* e *accents*. Entretanto, essa distinção não é válida para todas as situações.

¹⁵ Na língua francesa, observamos a utilização do acento circunflexo em palavras que tiveram uma letra suprimida, aparece comumente em palavras que perderam a letra S que existia em sua raiz no latim, como nas palavras *hôpital*, *fête*, *goût* e *impôt*. Podemos verificar que a letra S não caiu nas respectivas palavras em português, *hospital*, *feira*, *gosto* e *imposto*. Outras vezes, encontramos o acento circunflexo sendo utilizado de forma a evitar ambiguidade em monossílabos que possuem a mesma escrita e a mesma pronúncia, como é o caso do article *contracté du* (*de + le*) com o particípio passado masculino singular do verbo *devoir*, a saber, *dû*, este recebe um acento circunflexo apenas para evitar ambiguidade na escrita. O mesmo acontecer com *sur* (sobre) e *sûr* (certo/seguro). Observamos que isso acontece de forma similar na língua portuguesa, diferenciamos, por meio do acento circunflexo, por exemplo, o verbo *ter* no presente da terceira pessoa do singular *tem* de *têm*, o mesmo verbo na terceira pessoa do plural. Da mesma forma que acontece no francês, essa diferenciação só tem como objetivo evitar a ambiguidade na escrita.

¹⁶ Verbo *Avoir* (Ter) presente na terceira pessoa do singular.

Dentro da teoria da linguagem de Rousseau, como demonstrado, a *acentuação* não possui nenhuma relação com o *acento* de fato¹⁷, apesar de, por vezes, como o leitor já deve ter observado, o autor fazer uso dessa mesma palavra, a saber, *accent* (*acento*), para se referir às diferentes acepções.

O *acento*, e não a *acentuação*, “anima toda a frase e todo o discurso [...], ele dá vida e alma ao discurso” (ARCO JÚNIOR, 2012, p. 75, Grifos nossos). Ele é determinado por modificações na glote e não pode ser substituído por modificações que somente variam a abertura da boca ou as posições da língua (ROUSSEAU, 1978, p. 178), isso é característico da *acentuação*. Por conseguinte, é o *acento* oratório a peça central da teoria da linguagem de Rousseau, é ele quem é excitado pelas paixões e ditado pela natureza, é ele que faz o Homem exprimir seus sentimentos

ao seu interlocutor. Assim, para “emocionar um jovem coração, para repelir um agressor injusto, a natureza impõe *acentos*¹⁸, grito e queixumes” (ROUSSEAU, 1978, p. 164). “As paixões possuem seus gestos¹⁹, mas também *seus acentos*²⁰, e *esses acentos* que nos fazem tremer, *esses acentos* cuja a voz não se pode fugir, penetram por seu intermédio até o fundo do coração, imprimindo-lhe, mesmo que não o queiramos, os movimentos que as despertam e fazendo nos sentir o que ouvimos” (ROUSSEAU, 1978, p. 164). Sendo assim, todas as características das primeiras línguas provêm da excitação de *acentos* por meio das paixões, fazendo elas serem “cantantes e apaixonadas antes de serem simples e metódicas” (ROUSSEAU, 1978, p. 164).

No *Ensaio* é possível observar que os Homens recém saídos do estado de natureza não tinham a intenção de

¹⁷ As inflexões da voz.

¹⁸ É importante salientar que, na tradução do *Ensaio* que estamos utilizando ao longo deste trabalho, a saber, a tradução apresenta na Coleção Os Pensadores da Abril Cultura de 1978, identificamos pequenos erros de tradução que podem atrapalhar a interpretação da obra. Essa passagem, na tradução dos Pensadores de 1978, se encontra assim: “para emocionar um jovem coração, para repelir um agressor injusto, a natureza impõe **sinais**, gritos e queixumes” (ROUSSEAU, 1978, p. 164, grifo nosso) enquanto que em francês encontramos a mesma passagem da seguinte forma: “mais pour émouvoir un jeune cœur, pour repousser un agresseur injuste, la nature dicte des **accents**, des cris, des plaintes” (ROUSSEAU, 1830, p. 333, grifo nosso). Nessa passagem, a palavra em francês *accents* foi traduzida por *sinais*. Essa tradução vai contra a ideia que Rousseau parece buscar exprimir. Apesar dos sinais serem igualmente naturais em comparação com a linguagem da voz e, apesar da linguagem por meios de sinais ser até mesmo mais fácil, por depender de menos convenções, Rousseau se refere, nessa passagem, sobre as maneiras pelas quais podemos emocionar um jovem coração ou repelir um agressor injusto, ou seja, o autor está falando sobre as paixões, estas que excitam os *acentos* da voz. Sendo assim, a tradução da palavra *accents* por *sinais* pode trazer embaraços interpretativos os quais temos a intenção de esclarecer aqui.

¹⁹ É interessante observar que a palavra *gestos*, aqui, vem da tradução da palavra em francês *gestes*, diferentemente do que acontece na outra passagem, podemos observar claramente a distinção colocada entre *gestes* e *accents* (gestos e acentos). Nessa passagem o autor tem a real intenção de falar sobre os gestos, o que poderíamos também interpretar como linguagem de sinais. Observemos a passagem: “Les passions ont leurs gestes, mais elles ont aussi leurs accents...” (ROUSSEAU, 1830, p. 330).

²⁰ Nesse caso, mais acertadamente, a palavras *accents* foi traduzida por *inflexões*. Porém, mesmo que *acento* e *inflexão* podem ter, aqui, um mesmo significado, gostaríamos de evidenciar ainda mais a importância central que o Acento ocupa dentro do *Ensaio*. Assim, optamos por manter a palavra *acento* no lugar de *inflexões*, algo que é totalmente permitido pela passagem em francês: “Les passions ont leurs gestes, mais elles ont aussi leurs accens, et ces accens qui nous font tressaillir, ces accens auxquels on ne peut dérober son organe, pénètrent par lui jusqu'au fond du cœur, y portent malgré nous les mouvemens qui les arrachent, et nous font sentir ce que nous entendons” (ROUSSEAU, 1830, p. 330).

comunicar ideias complexas e racionais, a fala servia como um meio para expressar seus sentimentos despertados pelas paixões, fazendo o interlocutor sentir as mesmas paixões do locutor por meio das inflexões de sua voz. Desse modo, como destaca Wyss, “a comunicação das paixões [...] não se contenta em produzir uma mensagem: ela também deve fazer passar a causa que a produziu, ou seja, a própria paixão” (WYSS, apud. ARCO JÚNIOR, 2012 p. 77). É exatamente nesse ponto que o *acento* oratório ocupa seu lugar crucial, pois, para o autor, os *acentos* “nascem diretamente das paixões — são seus sintomas — e fazem aflorar nos ouvintes paixões idênticas às primeiras, isto é, idênticas àquelas que os fizeram nascer” (ARCO JÚNIOR, 2012, p. 77). Quando o autor faz elogios às línguas orientais em detrimento das línguas ocidentais, no que tange os aspectos da fala, evidencia o lugar que o *acento* oratório ocupa nessas primeiras, pois nelas o “sentido só em parte está nas palavras, toda a sua força reside nos acentos” (ROUSSEAU, 1978, p. 186).

Por último, gostaríamos ainda de apresentar uma passagem de Rousseau citada pelo *Dictionnaire de la langue française* de 1873 acerca das acepções de *acento*. Nessa passagem é afirmado que “Rousseau fez uma confusão entre o *acento* oratório e *acento* propriamente dito quando escreveu: orgulhar-se de não ter *acento* é orgulhar-se de remover das frases sua energia”²¹. O conceito de *acento*, como vimos, é extremamente complexo dentro de pensamento de Rousseau e

possui diversas acepções. Entretanto, é válido ressaltar que, para o autor, o único *acento* que pode dar energia à frase é o *acento oratório*. O *acento ortográfico* — a acentuação —, só aparece quando este último já não existe mais. Lembremos: enganamo-nos “quando julgamos substituir o *acento* pela acentuação. Só se inventa a acentuação quando o *acento* já se perdeu”. É sobre esse mesmo sentido de *acento*, a saber, *acento oratório*, que Rousseau está se referindo nessa passagem. Isto é, orgulhar-se de não ter *acento oratório*, orgulhar-se de possuir uma fala padronizada sem nenhum *sotaque* e sem nenhuma *inflexão* na voz, é orgulhar-se de remover das frases toda a sua energia. Não há uma real confusão entre as diferentes acepções de *acento* sabendo que, para Rousseau, o *acento propriamente dito* é o *acento oratório* e que os outros são apenas *acentuações*. Apesar disso, como foi possível observar no *Ensaio* e no *Dicionário de música*, a palavra *Accent* pode assumir diversas significações na obra de Rousseau, seu significado real é dado pelo contexto da frase. Assim, para contextualizarmos, citemos a passagem completa de Rousseau que apenas uma pequena parte foi referenciada pelo *Dictionnaire de la langue française*:

crescendo, os meninos deveriam corrigir-se de tais defeitos [o hábito de falar entredentes, comum, sendo Rousseau, entre as crianças criadas em casa recebendo todos os mínimos cuidados] nos colégios e as meninas nos conventos; em geral, uns e outros falam com efeito mais distintamente do que os criados na casa paterna. Mas o que os impede de adquirir uma pronúncia tão nítida quanto

²¹ “Rousseau a fait confusion entre l'accent oratoire et l'accent proprement dit, en écrivant: Se piquer de n'avoir point d'accent, c'est se piquer d'ôter aux phrases leur énergie”. *Dictionnaire de la langue française*.

a dos camponeses é a necessidade de aprender de cor muitas coisas e de recitar em voz alto o que aprenderam. Estudando, acostumam-se a garatujar, a pronunciar negligentemente e mal; recitando, pior ainda; procuram as palavras com esforço, arrastam e alongam as sílabas; quando a memória vacila não é possível que a língua não balbucie também. Assim se contraem ou se conservam os vícios de pronúncia. Logo verão que meu Emílio não terá tais vícios ou, ao menos, que não os terá contraído pelas mesmas causas. Convenho em que o povo e a gente das aldeias caem em outro extremo, falam quase sempre mais alto do que necessário, pronunciando demasiado exatamente; têm as articulações rudes e fortes, *acentuam* demais, escolhem mal seus termos etc.

Antes de mais nada, porém, esse extremo me parece muito menos impróprio do que o outro, porquanto sendo a primeira lei do discurso a de se fazer entender, o erro maior está em falar sem ser entendido. **Vangloriar-se de não ter acento, é vangloriar-se de tirar da frase graça e energia.** O *acento* é a alma do discurso, dá-lhe sentimento e verdade. O *acento* mente menos do que a palavra [*parole*]; talvez seja por isso que as pessoas bem educadas o recebem tanto. É o hábito de tudo dizer no

mesmo tom que decorre o de zombar dos outros sem que o sintam. Ao *acento* proscrito sucedem maneiras de pronunciar ridículas, afetadas e subordinadas à moda, como as que se observam sobretudo nos jovens da corte. Essa afetação da fala e da atitude é que torna em geral o contato com o francês hostil e desagradável às gentes de outras terras. Ao invés de pôr *acento* na sua linguagem ele põe atitude. Não é o meio de predispor a seu favor. (ROUSSEAU, 1992, p. 55, grifos nossos)²².

Passando brevemente pelo uso empregado por Rousseau e pelas acepções encontradas nos dictionnaires d'autrefois, percebemos que a utilização da palavra *acento* pode se dar de várias formas dependendo da significação que lhe é atribuída, sendo assim nem sempre sua tradução é óbvia. A tradução da palavra precisa estar estritamente ligada à ideia que o autor deseja passar ao fazer empregar essa palavra. Por exemplo, ao longo desse trabalho observamos como *accent* foi diversas vezes traduzido no português por *acento*, porém, podemos também verificar diversas variações de

²² “En grandissant, les garçons devoient se corriger de ce défaut dans les collèges, et les filles dans les couvents; en effet, les uns et les autres parlent en général plus distinctement que ceux qui ont été toujours élevés dans la maison paternelle. Mais ce qui les empêche d'acquérir jamais une prononciation aussi nette que celle des paysans, c'est la nécessité d'apprendre par coeur beaucoup de choses, et de réciter tout haut ce qu'ils ont appris; car, en étudiant, ils s'habituent à barbouiller, à prononcer négligemment et mal: en récitant, c'est pis encore; ils recherchent leurs mots avec efforts, ils traînent et allongent leurs syllabes: il n'est pas possible que, quand la mémoire vacille, la langue ne balbutie aussi. Ainsi se contractent ou se conservent les vices de la prononciation. On verra ci-après que mon Emile n'aura pas ceux-là, ou du moins qu'il ne les aura pas contractés par les mêmes causes.

Je conviens que le peuple et les villageois tombent dans une autre extrémité, qu'ils parlent presque toujours plus haut qu'il ne faut, qu'en prononçant trop exactement ils ont les articulations fortes et rudes, qu'ils ont trop d'accent, qu'ils choisissent mal leurs termes, etc.

Mais, premièrement, cette extrémité me paroît beaucoup moins vicieuse que l'autre, attendu que la première loi du discours étant de se faire entendre, la plus grande faute qu'on puisse faire est de parler sans être entendu. **Se piquer de n'avoir point d'accent, c'est se piquer d'ôter aux phrases leur grâce et leur énergie.** *L'accent* est l'ame du discours, il lui donne le sentiment et la vérité. *L'accent* ment moins que la *parole*; c'est peut-être pour cela que les gens bien élevés le craignent tant. C'est de l'usage de tout dire sur le même ton qu'est venu celui de persifler les gens sans qu'ils le sentent. A *l'accent* proscrit succèdent des manières de prononcer ridicules, affectées, et sujettes à la mode, telles qu'on les remarque surtout dans les jeunes gens de la cour. Cette affectation de parole et de maintien est ce qui rend généralement l'abord du François repoussant et désagréable aux autres nations. Au lieu de mettre de l'accent dans son parler, il y met de l'air. Ce n'est pas le moyen de prévenir en sa faveur”. (ROUSSEAU, 1830-1831, p. 73-74, grifos nossos).

tradução que podem mudar o tom da sentença. Dessa forma, identificamos que *accent* foi traduzido, por vezes, por *inflexão* e que seu plural, *accents*, poderia ser traduzido por *acentuação* dependendo da situação. Houve mesmo alguns momentos em que, acarretando em alguns embaraçosos interpretativos, *accent* havia sido traduzido por *sinais*²³. Devido à grande importância que esse conceito possui dentro do *Ensaio* — bem como em toda a obra de Rousseau — a escolha de

tradução deve ser extremamente cautelosa. É necessário compreender em qual sentido a palavra está sendo empregada para, então, encontrarmos a tradução mais adequada para determinada situação. Por isso, é preciso emergimos nos variados empregos das palavras utilizados no vocabulário do autor, bem como compreender as significações vigentes em seu século, para então compreendermos qual é a verdadeira acepção que o autor busca empregar ao longo de sua obra.

Referências

- ACCENT. In: NICOT, Jean. *Thersor de la langue francoyse tant ancienne que moderne*, 1606. Disponível em: <<https://artfl-project.uchicago.edu/content/dictionnaires-dautrefois>>.
- ACCENT. In: *Le Dictionnaire de l'Académie française*. 1694. Disponível em: <<https://artfl-project.uchicago.edu/content/dictionnaires-dautrefois>>.
- ACCENT. In: DU MARSAIS, César Chesneau. *Encyclopédie*. Disponível em: <<https://artflsv03.uchicago.edu/philologic4/encyclopedie1117/>>.
- BANDERA, Arco Júnior, Mauro Dela. *A palavra cantada ou a concepção de linguagem de Jean-Jacques Rousseau*. Dissertação (Mestrado em Filosofia). São Paulo, FFLCH-USP Maria das Graças de Souza (Orient.). 2012.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. Essai sur l'origine des langues. In: *Oeuvres complètes de Rousseau*, Paris: Armand-Aubrée, Tome II, p. 325-385, 1830.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. Émilie ou de L'éducation. In: *Oeuvres complètes de Rousseau*, Paris: Armand-Aubrée, Tome III et IV, 1830-1831.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Do contrato social; Ensaio sobre a origem das línguas; Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens; Discurso sobre as ciências e as artes*. Tradução de Lourdes Santos Machado. Introduções e notas Paul Arbouse-Bastide e Lourival Gomes Machado. São Paulo: Abril cultural (Coleção Os Pensadores), 1978.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou Da Educação*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1992.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *O dicionário de música de Jean-Jacques Rousseau*. introdução, tradução parcial e notas de Fábio Yasoshima. São Paulo, FFLCH, 2012. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Luiz Fernando Batista Franklin de Matos (Orient.).

²³ A título de curiosidade, é interessante destacar que nas entradas dos dicionários listados percebemos que, além do significado usual de *acento ortográfico* e dos outros sentidos que destacamos anteriormente, *accent* pode ser muitas vezes facilmente traduzido por *sotaque*. Porém essa palavra não aparece nas traduções, mesmo sendo uma tradução possível em algumas situações.